



BAZAR

De
MARCOS
ANDRÉ

Um Balcão Sobre a Europa

“CHÉRIE NOIRE”

A TRAGÉDIA RACIAL escrita com sangue e terror por Hitler na Alemanha não pôde ser esquecida ainda e, no entanto, há pessoas que parecem não mais se recordar daqueles dias em que nós seguíamos, angustiados, pela imprensa e pelo rádio, as notícias da violência e da ameaça de extermínio que uma raça inteira sofria na Europa. Não me refiro às recentes ameaças de um pequeno grupo de loucos tentando renovar, isoladamente, a fúria de Hitler... Foi muito mais simples, mas não deixou de me impressionar e até de me revoltar. Foi a propósito do filme “ORFEU NEGRO”. Vendo a fila imensa diante de um cinema, aqui na Itália, em que se exibia o drama de Vinicius de Moraes firmado por Camus (e modificado por êle também...), comentei com um brasileiro a alegria que me causava o êxito desse filme no mundo inteiro, principalmente nos Estados Unidos, onde, segundo o “TIME”, o “BLACK ORPHEUS” (An astonishing adaptation of the old legend made new and vital by an unknown cast and a Brazilian tropical background) figura na lista dos melhores filmes em exibição, sendo um potente candidato a um “Oscar”. Pois sabem o que aconteceu? O brasileiro, se não me agrediu fisicamente, agrediu-me com uma catilinária racial que me deixou tonto nos primeiros momentos! Que aquilo era uma vergonha para nós, um filme em que só se via o Rio com negros! Que devia ser proibido, e uma porção de besteiras assim. Passado um pouco o meu espanto, comecei a ficar fu-ri-bun-do... Mas... como se permitia êsse cavalheiro falar assim? Que deveríamos fazer? Negar que tínhamos negros no nosso País? Pintá-los de louros? Afirmar que a raça brasileira é toda nórdica, descendente dos “vikings”? Que no Brasil até nem existe gente de cabelo preto e que a canção “O Teu Cabelo Não Negra” é fantasia de um compositor maluco, feita para nos desmoralizar? Um brasileiro com problemas de raça! Logo o Brasil, que, como os Estados Unidos, tem tanta raça bonita misturada! Alemães, italianos, poloneses, franceses, portugueses, negros, índios numa salada revigorante e bem vitaminada para as gerações futuras! Para acalmar os ânimos, fomos tomar um café. E lá o meu brasileiro ficou ainda mais danado! E’ que na “juke-box” tocavam sem parar o tema de “Orfeu”, a “FELICIDADE”, cantada por Hélio Mota. E na Itália, terra da canção, a canção de “Orfeu”, de Vinicius e Jobim, é uma das favoritas na “juke-box”, mesmo nestes dias em que só

se ouvem quase exclusivamente as canções vitoriosas do Festival de San Remo, cantadas por Modugno, Rascel, Tonny Dall’Ara, Joe Sentieri, Sergio Bruni e outros. O brasileiro nazista disse: “Ué! É em português... E é bonita!” — “Pois é”, disse eu, triunfante, “é a canção de “ORFEU!” O homenzinho embatucou e foi para casa, naturalmente para rezar por Hitler... E, mais tarde, mais me alegro ainda, quando vejo num jornal que a única estrêla estrangeira do filme, Marpessa Dawn, está alcançando um imenso êxito no teatro francês na peça CHÉRIE NOIRE, graças às esplêndidas críticas recebidas no mundo inteiro pelo “ORFEU NEGRO”. E o jornalista, que viu a peça em Nice e transmite suas impressões ao público italiano, diz que Marpessa Dawn, no palco, merece ainda mais elogios do que na tela. Nessa peça de François Campoux, Marpessa interpreta uma jovem mestiça que vem de uma ilha do Pacífico para estudar em Paris. Emprega-se, para poder continuar nos estudos, na casa de um jovem escritor à procura de sucesso. O romancista, já apoquentado por uma “petite amie” enervante, ainda tem de sofrer o assédio dos credores. E é quando o escritor está no máximo de suas dificuldades sentimentais e financeiras que Chérie chega. Chega, e tudo muda. E’ como o ente benfazejo de um conto de fadas. À sua simples presença tudo fica diferente. O romancista súbitamente torna-se famoso. E tudo que Chérie toca se transforma em ouro... E’ preciso dizer que, como é natural numa fábula assim, sabe-se, no fim, que o pai de Chérie, lá naquela ilha longínqua, descobriu uma minazinha de diamantes e que, semanalmente, envia um diamantezinho à filhinha querida... Ao lado de Marpessa Dawn brilha, na peça, um novo ator, que já está sendo considerado mais do que uma promessa no teatro parisiense. Seu nome é Jacques Seveys. Marpessa disse ao jornalista que recusou fazer um filme agora com Orson Welles e Kirk Douglas. Apenas... Mas assim que terminar essa “tourné” teatral voará para o Brasil, a fim de girar outro filme para a mesma firma que produziu “Orfeu”. Esperemos que os outros intérpretes do já famoso filme de Vinicius e Camus tenham o mesmo êxito e a mesma sorte de Marpessa Dawn e que os nomes de Léia Garcia, Lurdes de Oliveira e Breno Melo venham de novo brilhar nas “marquises” dos cinemas estrangeiros como estão brilhando agora, para raiva e desconforto de senhores racistas...